



INSTRUÇÃO
NO AMOR
CRISTÃO

**MARTIN
BUCER**

COM INTRODUÇÃO

E NOTAS DE

PAUL TRAUGOTT FUHRMANN


VIDA NOVA

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| <i>Apresentação de Franklin Ferreira</i> | 9 |
| <i>Introdução de Paul Traugott Fuhrmann</i> | 17 |
| <i>Prefácio de Martin Bucer</i> | 31 |

PRIMEIRA PARTE

| | |
|--|----|
| Todo homem deve viver não para si mesmo, mas para os outros | 35 |
|--|----|

SEGUNDA PARTE

| | |
|--|----|
| Como o homem pode alcançar o ideal de viver não para si mesmo, mas para os outros | 75 |
|--|----|

APRESENTAÇÃO

UMA TEOLOGIA CONCISA E PROFUNDA DA OBEDIÊNCIA

Martin Bucer foi um reformador alemão que exerceu imensa influência em seu tempo e teve uma vida bastante agitada. O leitor poderá aprender mais sobre ele ao ler a introdução de Paul Fuhrmann a este precioso livro publicado em 1523, quando o reformador acabara de chegar à cidade livre imperial de Estrasburgo. Foi um autor prolífico durante a Reforma protestante, exercendo profunda influência sobre as tradições reformada, luterana, anglicana e puritana. Mas, somente há pouco tempo, suas obras começaram a ser traduzidas para a língua portuguesa.¹

Esta obra, ainda que breve, oferece ao leitor uma boa introdução à profundidade teológica e pastoral de Bucer.² Ela é composta de dois capítulos. O primeiro

¹Para introduções ao pensamento de Martin Bucer, cf. Thomas Schirrmacher, *Martin Bucer: o defensor do amor* (Rio de Janeiro: Pro Nobis, 2022) e Henri Strohl, *O pensamento da Reforma* (São Paulo: ASTE, 2004).

²Vários dos comentários de Bucer a trechos de livros da Escritura Sagrada podem ser encontrados na fantástica série Comentário Bíblico da Reforma, organizada por Timothy George e Scott Manetsch. Cf. John Thompson, org., *Comentário Bíblico da Reforma: Gênesis 1—11* (São Paulo: Cultura Cristã, 2015); Herman Selderhuis, org., *Comentário Bíblico da Reforma: Salmos 1—72* (São Paulo: Cultura Cristã, 2018); Carl Beckwith, org., *Comentário Bíblico da Reforma: Ezequiel e Daniel* (São Paulo: Cultura Cristã, 2014); Beth Kreitzer, org., *Comentário Bíblico da Reforma: Lucas* (São Paulo: Cultura Cristã, 2017); Craig Farmer, org., *Comentário Bíblico da Reforma: João 1—12* (São Paulo: Cultura Cristã, 2015); Philip Krey, Peter Krey, orgs., *Comentário Bíblico da*

discorre sobre a *exortação*, e tem como alvo central o cristão, que é exortado a não viver para si mesmo, mas, sim, para o próximo. Esse capítulo ocupa a maior parte desta obra, mostrando que essa obrigação — de não viver para si mesmo, mas para o próximo — tem relação sobre como os homens foram criados, e que essa obrigação é vigente sobretudo para os cristãos. Portanto, ele condena os homens que buscam seus próprios interesses, alimentando a injustiça. Ao final, ele termina dizendo que, além de o cristão não buscar seus próprios interesses, ele deve também abrir mão do que lhe é devido para promover o bem-estar dos outros. O segundo capítulo trata da *aplicação*, concentra-se em como o cristão pode cumprir seus deveres de forma útil e convincente.

É importante constatar, nesta obra, que Bucer tem a capacidade de ampliar ao máximo a percepção do leitor e oferecer a ele uma visão ampliada da realidade. Essa visão nos oferece princípios orientadores, a partir do “centro de tudo”, a Palavra de Deus: como devemos nos relacionar com tudo e com todos na vida. Vale a

Reforma: Romanos 9—16 (São Paulo: Cultura Cristã, 2018); Gerald Bray, org., *Comentário Bíblico da Reforma: Gálatas e Efésios* (São Paulo: Cultura Cristã, 2017); Graham Tomlin, org., *Comentário Bíblico da Reforma: Filipenses e Colossenses* (São Paulo: Cultura Cristã, 2017). A obra clássica de Martin Bucer, *Concerning the true care of souls* (Edinburgh: Banner of Truth, 2009), editada por Peter Beale, está no prelo pela Pro Nobis.

pena prestar atenção à sua compreensão da afirmação do apóstolo Paulo:

A criação aguarda ansiosamente a revelação dos filhos de Deus. Porque a criação ficou sujeita à inutilidade, não por sua vontade, mas por causa daquele que a sujeitou, na esperança de que também a própria criação seja libertada do cativeiro da degeneração, para a liberdade da glória dos filhos de Deus. Pois sabemos que toda a criação geme e agoniza até agora, como se sofresse dores de parto (Rm 8.19-22).

Embora estejamos muito conscientes de nosso próprio sofrimento e luta, pode ser desconcertante para o leitor descobrir o quão pouco os cristãos pensam na situação da criação, que geme e está gemendo conosco, ansiando pelo dia de sua libertação também.

De acordo com Bucer, “a criação inteira [...] deveria ter sido usada para o louvor e a glória do seu Criador e para a preservação e o benefício dos homens”. Mas a criação “foi desonrada, profanada e depravada pelo nosso uso distorcido e diabólico e nossa busca dos próprios interesses”. Assim, “o máximo que podem, os ímpios usam a criação para a destruição de si mesmos e de outros, dessa forma insultando e desonrando a Deus”. Para Bucer não é que Deus nos amaldiçoou por causa da Queda e assim

a criação também foi amaldiçoada. Ou seja, a criação estaria sujeita à futilidade e à escravidão da corrupção, assim como nós. Como ele argumenta, a criação foi amaldiçoada porque nos tornamos maus e pecadores, ou seja, a criação foi amaldiçoada por nossa causa. Na ordem criacional, a criação está sujeita ao governo do homem. Com a nossa queda, o relacionamento com a criação foi rompido e esta se encontra amaldiçoada por causa das más decisões de seres humanos pecadores em relação à criação. Mesmo que Deus amaldiçoe a criação, isso ocorre por causa do seu julgamento contra a raça humana.

Bucer também elabora como teria sido nosso relacionamento com a criação se não tivéssemos caído em pecado. Qual era o propósito original da criação? “O objetivo de Deus [...] foi que todas as coisas existentes pela sua bondade a reconhecessem e se regozijassem nela. Essa é a razão de nós, suas criaturas, podermos e devermos estar a serviço dele na administração da sua bondade”, servindo “a todas as outras tendo em vista o bem de todas as criaturas”. Para ele, Deus tudo operaria por meio de suas criaturas e realizaria o bem por meio delas. Pois somente “Deus faz bem a todas as coisas”, assim as criaturas inferiores seriam subservientes ao homem; e o homem as usaria como deveria ter feito,

isto é, governando-as de acordo com as decisões e a vontade de Deus.

E como é viver nos últimos tempos? Este é um tempo em que a injustiça age com aparente impunidade e o amor parece se extinguir; cada homem busca e se conforma com uma vida fácil e deseja explorar o trabalho dos outros, enquanto a vida cristã exige o contrário. E o que é a fé e como ela atua nos últimos tempos? Para Bucer, a fé verdadeira traz abnegação, dedicação de si mesmo ao serviço de outros homens, esquecimento de si mesmo e viver inteiramente para os outros — para a glória de Deus. Se a fé não opera assim, então não é fé verdadeira e legítima, é uma fé morta, não é fé alguma. Assim, os que têm fé verdadeira precisam compreender que não devem viver buscando seus próprios interesses nos últimos tempos, pois os que creem têm certeza de que o Deus eterno se preocupa com eles, cuidando deles como seus filhos queridos. Portanto, a compreensão de Bucer do amor cristão é de que “a fé verdadeira certamente produz o amor verdadeiro que nos faz transbordar em boas obras ao nosso próximo e viver não para nós mesmos, mas para a glória eterna de Deus”. Assim, “o nosso maior compromisso deve ser nos dedicarmos à Palavra divina, ouvi-la, lê-la, meditar sobre ela com o máximo zelo e praticá-la. [...] A Palavra divina produz

a fé; a fé produz o amor; o amor produz as boas obras como seus frutos — em conformidade com os quais Deus nos dá a herança eterna, uma vida totalmente divina e bem-aventurada” — é assim que os que têm fé em Cristo vivem nos últimos tempos.

O reformador João Calvino, que foi muito influenciado por Bucer, afirmou sobre ele:

... por causa de sua profunda erudição, seu conhecimento abundante sobre uma ampla gama de assuntos, sua mente aguçada, suas amplas leituras e muitas outras virtudes diferentes, permanece hoje insuperável por qualquer um, pode ser comparado apenas a alguns, e supera a grande maioria.³

O mártir John Bradford disse que ele era um “profeta de Deus e um verdadeiro pregador”.⁴ Este breve mas poderoso livro atesta o testemunho destes dois gigantes do século 16, e vale ouro — pela forma com que Bucer oferece aos seus leitores uma robusta compreensão da obediência cristã, e à medida que essa obediência não

³Citado em Keith Mathison, “Martin Bucer: A Reformer and His Times”, em *Ligonier Ministries*, 24 de agosto de 2010: <https://www.ligonier.org/learn/articles/martin-bucer-reformer-and-his-times>.

⁴John Bradford, “Farewell to the University and Town of Cambridge (1555)”, in: *The Writings of John Bradford* (Edinburgh: Banner of Truth, 1979), vol. 1, p. 445.

APRESENTAÇÃO

diz respeito apenas à piedade interior ou pessoal — também tem uma forte dimensão social.

Diante de tudo isso, este é um livro que vale a pena ser lido repetidas vezes!

Franklin Ferreira, DDiv

Reitor do Seminário Martin Bucer,

São José dos Campos-SP.

INTRODUÇÃO¹

Martin Bucer, ou Butzer, nasceu em 11 de novembro de 1491, em Schlettstadt, uma pequena cidade na Alsácia, porém a sede de uma famosa escola de humanistas. Bucer estudou na escola latina local e com quinze anos ingressou na Ordem dos Pregadores, ou Ordem Dominicana. Aos 25 anos, foi transferido para o Mosteiro de Heidelberg, ali continuou estudando teologia e os clássicos, teve aulas de grego com Brenz e se tornou um admirador fervoroso de Erasmo.

Em 1518, Lutero foi convocado para comparecer diante do conselho de cônegos da Ordem Agostiniana em Heidelberg. No ano anterior, nosso professor de Bíblia de Wittenberg havia afirmado que, na sua pregação do arrependimento, não era possível que Jesus tivesse em mente o sacramento católico romano da penitência. Lutero entendia o arrependimento não como uma instituição, mas, sim, como um estado interior da alma, um processo e movimento da nossa vida que dura por todo

¹Foram consultados, bem como outras obras encontradas nas notas a seguir, J. W. Baum, *Capito und Butzer* (Elberfeld, 1860); A. Courvoisier, *Bucer*, in: F. Lichtenberger, org., *Encyclopédie des sciences religieuses* (Paris, 1877), vol. 2, p. 458-9; C. Crivelli, *Bucero*, in: *Enciclopedia Cattolica* (Vatican City, 1949), vol. 3, cols. 166-7; Schenkel, *Bucer*, in: Herzog, org., *Real-Encyklopädie* (Stuttgart e Hamburg, 1854), vol. 2, p. 412-23.

o tempo em que vivemos.² Na visão das autoridades da igreja romana, a consequência natural dessa “ressurreição” do arrependimento evangélico seria a substituição e até mesmo a dissolução da penitência como a instituição básica da igreja romana e sua fonte principal não apenas de doações, mas também de boas obras consagradas. Portanto, Lutero precisou ir justificar suas visões em Heidelberg, e isso proporcionou a Bucer uma oportunidade de observá-lo nessa controvérsia. Bucer certamente ouviu as 28 teses de Heidelberg de Lutero, que em nosso século acabaram se transformando no princípio fundamental da reinterpretação escandinava de Lutero³ — a tese que afirma que o “amor do homem é gerado por aquilo de que o homem gosta, mas o amor de Deus não encontra nada amável no homem. Deus cria no homem o que Deus ama”.⁴ E na mesma ocasião Bucer também

²*Dominus et magister noster Jesus Christus, dicendo: Poenitentiam agite etc. omnem vitam fidelium poenitentiam esse voluit. Quod verbum de poenitentia sacramentali, id est confessionis et satisfactionis, quae sacerdotum ministerio celebratur, non potest intelligi* — são as primeiras duas das 95 teses de Lutero, 1517, *D. Martini Lutheri OPERA LATINA varii argumenti* (Frankfurt e Erlangen, 1865), vol. 1, p. 285; *Luther's Works* (Philadelphia, 1943), vol. 1, p. 29. Veja Henry E. Jacobs, *Martin Luther* (New York e London, 1898), p. 72; Félix Kuhn, *Luther: sa vie et son oeuvre* (Paris, 1883), vol. 1, p. 211, nota 236, 265. Veja tb. a nota 54 da segunda parte.

³Cf. Edgar M. Carlson, *The reinterpretation of Luther* (Philadelphia, 1948).

⁴*Amor Dei non invenit, sed creat suum diligibile, amor hominis fit a suo diligibili, D. M. Lutheri, op. cit., p. 403.*

ouviu a estranha explicação de Lutero: “O amor da cruz, originado na cruz, é este: ele se transfere não onde encontra algum bem a ser apreciado, mas ali onde pode conferir algum bem a um pecador ou a um miserável”.⁵

Bucer também teve a oportunidade, após o debate, de conversar com Lutero e de conhecer de modo mais íntimo o dinamismo original do professor de Wittenberg. Pois, segundo o deão Strohl,⁶ durante essa interação pessoal, Lutero apresentou o esboço geral do seu Curso de Romanos de 1516-1517: “O cristão reconhece que é simultaneamente tanto pecador quanto justo: um pecador na realidade, mas justo de acordo com a consideração e a promessa segura de Deus e, por causa disso, ele é perfeito, completo na esperança, embora na realidade um pecador. Mas o cristão tem o início da justiça, para poder sempre buscar e pedir mais, sempre ciente da sua condição de injusto”⁷ — durante a vida inteira,

⁵*Et iste amor crucis ex cruce natus, qui illuc sese transfert, non ubi invenit bonum, quo fruatur, sed ubi bonum conferat malo et egeno, D. M. Lutheri*, op. cit., p. 404.

⁶H. Strohl, *Bucer, humaniste chrétien* (Paris, 1939), p. 6, 26; H. Strohl (org. e trad.), in: Martin Bucer, *Traité de l'amour du prochain* (Paris, 1949), p. 6-7, 41, n. 8.

⁷*Simul peccator et iustus; peccator re vera, sed iustus ex reputatione et promissione dei certa [...] Ac per hoc sanus perfecte est in spe, in re autem peccator, sed initium habens iustitiae, ut amplius querat semper, semper iniustum se sciens, Luthers Vorlesung über den Römerbrief: 1515-1516*, edição de Johannes Ficker (Leipzig, 1908), vol. 2, p. 108.

o cristão permanece ao mesmo tempo pecador e justo, sempre se voltando a Deus — *simul peccator et iustus, semper penitens*.⁸

Lutero impressionou de modo profundo o jovem Bucer. Este escreveu a seu amigo Beatus Rhenanus que “Lutero solucionou todas as objeções, não com o refinamento de Duns Escoto, mas com a perspicácia de Paulo; as respostas concisas de Lutero, extraídas da Palavra de Deus, impressionaram a todos [...]. Lutero se mostrou muito semelhante a Erasmo, mas muito superior a ele, uma vez que ensinou claramente coisas que Erasmo apenas havia sugerido”.⁹ Bucer confessou ter se tornado um “martiniano”, isto é, ter sentido o impacto do movimento de Lutero, porém, em um sentido, ele também permaneceu fiel a Erasmo. Ao longo da vida, Bucer de fato foi um humanista cristão; seu ideal foi formar homens completos: cristãos que fossem eruditos e eruditos que fossem cristãos.

Bucer continuou a se corresponder com Lutero, Melâncton, Spalatin e Capito. Esse fato, somado à

⁸Ibidem, p. 266-7. Lutero também usa expressões mais longas, como *semper partim peccatores, partim iusti, i.e. semper penitentes*, ibidem, p. 267. Veja tb. a nota 2 da Introdução e a 54 da segunda parte.

⁹Em Felix Kuhn, *Luther: sa vie et son oeuvre* (Paris, 1883), vol. 1, p. 233; Johann Wilhelm Baum, *Capito und Butzer* (Elberfeld, 1860), p. 96-7; e *Luther's correspondence and other contemporary letters*, tradução e edição de Preserved Smith (Philadelphia, 1913), vol. 1 (1507-1521), p. 80-2.

expressão de suas novas percepções, tornou difícil a posição de Bucer no mosteiro. Assim, após pedir à sé romana e obter dela a liberação dos seus votos monásticos, ele ingressou no clero secular. Bucer se tornou o capelão do conde palatino Frederico e, depois, pastor nas terras do Cavaleiro de Sickingen, em 1522. No entanto, após seu ambicioso patrono travar — e perder — uma guerra por conta própria contra o eleitor de Treves, Bucer precisou ir embora de novo. A caminho de Wittenberg, foi contratado como pregador em Wissenburg. Ele mal havia completado seis meses ali quando o bispo de Espira o excomungou porque Bucer tinha se casado; e uma nova guerra local o obrigou a partir mais uma vez.

Bucer foi para Estrasburgo, chegando a esse lugar “não como alguém que havia sido chamado, mas como um fugitivo sem recursos e sem posição eclesiástica”.¹⁰ Mas ele pôde permanecer ali por duas razões: em primeiro lugar, seu pai havia sido cidadão de Estrasburgo desde 1508; em segundo lugar, a Reforma do cristianismo estava em ação em Estrasburgo desde 1521 — graças à habilidade política de James Sturm. Apoiado pelo magistrado, Matthäus Zell, um clérigo da cidade

¹⁰Gustav Anrich, *Martin Bucer* (Strassburg, 1914), p. 18, citado por J. Courvoisier, *La notion d'église chez Bucer dans son développement historique* (Paris, 1933), p. 3-4. Este último livro é muito mais abrangente do que seu título sugere, sendo na realidade sobre o pensamento geral de Bucer.